



**NIEP
MARX**

Núcleo Interdisciplinar de Estudos e
Pesquisas sobre Marx e o Marxismo

Marx e o Marxismo 2013: Marx hoje, 130 anos depois

Universidade Federal Fluminense – Niterói – RJ – de 30/09/2013 a 04/10/2013

TÍTULO DO TRABALHO			
O pensamento crítico de Walter Benjamin: a análise da consagração do Tropicalismo lida a partir da idéia do despertar presente em Passagens			
AUTOR	INSTITUIÇÃO (POR EXTENSO)	Sigla	Vínculo
Henrique Campos Monnerat	Universidade Federal do Rio de Janeiro	UFRJ	Mestre em Teoria da Literatura
RESUMO (ATÉ 20 LINHAS)			
<p>A comunicação tem como propósito abordar o potencial estratégico do pensamento crítico presente na filosofia da história de Walter Benjamin. Proponho discutir a ideia do despertar presente no índice K [Cidade de Sonho e Morada de Sonho, Sonhos de Futuro, Nihilismo Antropológico, Jung] em seu livro Passagens. A discussão dessa ideia é importante para o questionamento da canonização em uma história oficial das manifestações artísticas. Esse processo de consagração, que pode ser observado nos trabalhos dedicados ao tropicalismo, está relacionado ao esvaziamento da dimensão marxista do pensamento do autor alemão. As relações entre a recordação e o despertar devem orientar o pesquisador marxista. Dessa forma, orientado pelo método de Walter Benjamin de aproximar objetos a uma primeira vista díspares, procuro, a partir da ideia do despertar presente em sua teoria do progresso ler a consagração de manifestações artísticas como o tropicalismo no momento atual.</p>			
PALAVRAS-CHAVE (ATÉ TRÊS)			
Tropicalismo; Walter Benjamin; despertar			
ABSTRACT			
<p>This paper is intended to approach the strategic potential of critical thinking in Walter Benjamin's discussion on the concept of history. I propose to discuss the idea of awakening in this index K [<i>Dream City and Dream House, Dreams of the Future, Anthropological Nihilism, Jung</i>] in his Arcades Project. The discussion of this idea is important to the question of canonization in the official history of artistic expressions. This process of consecration, which can be observed in the works devoted to <i>tropicalismo</i>, is related to the emptying of the Marxist dimension in the ideas of Walter Benjamin. The relationship between remembrance and awakening should guide the researcher Marxist. Thus, oriented by the method of Walter Benjamin to bring together objects at a first glance disparate, I intend, from the idea of awakening in his theory of progress, read the consecration of tropicalismo at the present time.</p>			
KEYWORDS			
Tropicalismo ; Walter Benjamin ; awakening			
EIXO TEMÁTICO			
Marx pensador da cultura			

O pensamento crítico de Walter Benjamin: a análise da consagração do Tropicalismo lida a partir da idéia do despertar presente em Passagens.

Temos plena certeza de que este esforço de revisão do tropicalismo atingiu seus objetivos, quer do ponto de vista da informação, quer do ponto de vista de uma certa revivência lúdica que aproximou os jovens de ontem aos jovens de hoje, através de sua intensa programação. Mas, principalmente, do ponto de vista de fazer um registro histórico e o necessário desvendamento de seus significados. Se de “Tropicália 20 Anos” ficar ainda um pequeno e involuntário sabor nostálgico, isso certamente será devido a uma natural simpatia que a entidade sempre nutriu por aqueles que têm ou tiveram a ousadia de mudar (SESC, 1987, p. 7).

O objetivo central desta comunicação é o de abordar o potencial estratégico do pensamento crítico de Walter Benjamin a partir da noção de despertar presente em sua obra *Passagens* (2006). Essa abordagem se insere em um contexto de consagração e canonização da manifestação artística brasileira conhecida como tropicalismo. Tal potencial estratégico nos orienta para os nossos distintos campos de atuação sejamos nós historiadores, pedagogos, críticos literários ou cientistas sociais. Nesse sentido, deve ser sublinhada aqui a existência de assuntos comuns a essas disciplinas, pois devemos ir contra a corrente da especialização que procura reduzir cada campo de análise aos muros de seu gueto. Essa comunicação pretende ser uma espécie de provocação nas análises críticas que realizamos em nosso dia-a-dia.

Walter Benjamin é considerado por muitos como filósofo, historiador ou crítico literário. Essa indeterminação não equivale a um apagamento das especificidades destas diversas áreas. Ela nos mostra, pelo contrário, o quanto o conhecimento deve ser pensado pelo conhecimento e questionado como um todo.

As mudanças por quais as universidades têm passado nas últimas décadas evidenciam um contínuo processo de padronização dos currículos e esvaziamento de discussões políticas pautadas pelo dissenso. É nesse contexto que percebemos a chamada moda Benjamin. Tal fenômeno diz respeito ao processo de consolidação dos *cultural studies* norte-americanos e em nossas universidades latino-americanas que não se separa do processo de esvaziamento político e do potencial de dissenso que as universidades passaram a sofrer durante e depois de seus respectivos regimes ditatoriais. No presente há uma escalada do autoritarismo em suas gestões. No caso

brasileiro a prisão dos estudantes da USP em 2011 e os estudantes barrados no conselho universitário que discute o EBSEH na UFRJ são faces desse movimento.

A forma como nos relacionamos com o nosso passado recente é interessante para ser analisada e fala ao nosso momento histórico. Definir e pensar o que já ocorreu é penetrar na treva que separa o presente do passado. Nesse contexto a atenção recebida pelo tropicalismo tanto na academia quanto fora de seus muros é notória. Ele é hoje quase uma unanimidade em termos de referência cultural para as artes brasileiras e as discussões identificadas a ela. Em nossa qualidade de críticos materialistas a sua canonização e a escrita oficial de sua história deve ser discutida e questionada. Nas palavras de Frederico Coelho o tropicalismo possui hoje o status de “oráculo da modernidade”. (Coelho, 2002, p.131) Esse questionamento é imprescindível para que da sua vitória se possam ler as derrotas e o que elas falam a nós. Eis aqui outro potencial estratégico do pensamento da filosofia da história de Walter Benjamin: propor uma concepção da história atravessada pelo político. O político deve transbordar na história para que ela não se torne puro deleite e contemplação. Quando escrevia as folhas de seu último livro na prisão, pouco antes de ser executado pelos nazistas, o historiador Marc Bloch em *Apologia da história* (2001) conta o caso em que, acompanhando o historiador Henri Pirenne em uma viagem a Estocolmo, o colega lhe perguntara: “O que vamos ver primeiro? Parece que há uma prefeitura nova em folha. Começemos por ela.” O professor belga, segundo Marc Bloch, completara dizendo: “Se eu fosse antiquário, só teria olhos para as coisas velhas. Mas sou um historiador. É por isso que amo a vida.” (Bloch, 2002, p. 65). Essa colocação de Pirenne pode ser relacionada com a visão de Walter Benjamin, na qualidade de crítica de uma visão historicista.

À moda Benjamin deve se relacionada então a moda tropicalista. Isso porque a consagração do tropicalismo ocorre num momento histórico de forte consenso e estreitamento da crítica. O fenômeno de esvaziamento da crítica que cada vez mais se encurrala nos muros da universidade e ainda aí se esvazia pode ser identificado como um processo histórico que estamos vivendo. Flora Sussekind fala em "o apequenamento e a perda de conteúdo significativo da discussão crítica, assim como da dimensão social da literatura no país nas últimas décadas" (2010). Roberto Schwarz, na conclusão de seu artigo sobre o livro de Caetano Veloso *Verdade Tropical* cita o "horizonte rebaixado e inglório do capital vitorioso" opondo-o às promessas e deficiências de um impulso derrotado. (2012, p.110) Essa oposição que, assume o caráter de dramatização histórica em seu artigo deve ser realizada a partir de preceito de Walter Benjamin que é a leitura a contrapelo.

Roberto Leher na introdução da obra intitulada *Direita para o social e esquerda para o capital: intelectuais da nova pedagogia da hegemonia no Brasil* (Neves, 2010) afirma que as reflexões realizadas pelo coletivo da Pedagogia da Hegemonia nesse livro formam o mais "amplo, sistemático e abrangente estudo publicado no Brasil sobre os fundamentos teóricos que estruturam o

mencionado campo ideológico no qual não é possível vislumbrar um horizonte anticapitalista, nem mesmo em uma temporalidade de longa duração." (p. 15). O ataque à noção de inexorabilidade da ordem atual deve se tornar um imperativo em potencial em nossos tempos. Reside aqui outro ponto estratégico da filosofia de Walter Benjamin que é o pessimismo que se volta para à organização: a necessidade de recusarmos a inexorabilidade afirmando a nossa práxis política, através da organização e da ação. Frente ao quadro mais pessimista e agonizante o espaço de recusa da ordem deve ser deixado em aberto.

A nigeriana Chimamanda Adichie nos alerta sobre o que chama dos perigos da história única. A forma que contamos e escrevemos nossas histórias ou estabelecemos julgamento dos outros não podem estar pautados pela história única que poderíamos ler aqui como aquela escrita pelo vencedor. A escritora afirma: "comece uma história com as flechas dos nativos americanos, e não com a chegada dos britânicos e você tem uma história totalmente diferente"ⁱ Ela finaliza a sua palestra com o seguinte pensamento: "Quando nós rejeitamos uma única história, quando percebemos que nunca há apenas uma história sobre nenhum lugar, nós reconquistamos um tipo de paraíso." A palavra paraíso utilizada pela escritora é interessante na medida em que carrega um significado teológico que adquire um forte peso político. Podemos pensar na dimensão messiânica das discussões de Walter Benjamin sobre o conceito de história. As classificações podem ser, no entanto, limitadoras. Procurar demarcar fronteiras aqui restritas à história, teologia, messianismo, surrealismo ou romantismo alemão não é uma tarefa fértil. Michael Löwy (2005) propõe que devemos pensar essas diversas influências em Benjamin como se fossem uma fusão alquímica. Aspectos oriundos de do Surrealismo, Freud, a fantasmagoria e o fetiche da mercadoria devem ser pensados nessa fusão que estaria por trás de seus conceitos como o de despertar.

O grau de consentimento necessário para o aprofundamento do padrão de acumulação capitalista nos força a pensar no caráter ideológico e educativo dessa coerção. O pensamento do despertar deve ser pensado em conjunto com o sonho e o sono. Benjamin identifica esse sono como sendo o do progresso e diz que o aprofundamento do sono se intensifica com o despertar. Ele e o mito do progresso são indissociáveis do ponto de vista historicista que escreve a história de maneira linear. Esse tipo de visão histórica arruma os troféus no armário do das vitórias dignas de serem lembradas. A concepção do despertar nos força a tomar de assalto a arrumação desse armário, uma tarefa crítico-política que significa trazer o ocorrido para se contaminar pelo agora. É no tempo-de-agora, a noção de *jetztzeit*ⁱⁱ que observamos melhor o questionamento da linearidade e a afirmação do caráter revolucionário de seu pensamento.

O exercício de questionamento das nossas categorias de temporalidade e a forma com que lidamos com o tempo está presente nas reflexões de Walter Benjamin. É nesse sentido que não devemos nos contentar com uma história compartimentalizada: história do direito, história da

literatura, história da arte, história militar etc... Esse não contentamento é a clara recusa do ideal historicista e positivista. Relacionado a ele o questionamento da categoria como o progresso que estava presente, por exemplo, no discurso do Partido Comunista do Brasil nos anos 1950 e que se nos revela hoje no consenso de aprofundamento do capital do Brasil atual. O prostíbulo do historicismo como referido na tese XVI das *Teses sobre o conceito da história* (2005) é o tempo vazio e frio do calendário, de uma visão historicista da história que enumera os fatos e os organiza devidamente numa concepção de progresso.

Este artigo busca aproximar o questionamento dessa visão a partir da crítica do despertar com o quadro de consagração do tropicalismo. Não nos surpreende que na moda Benjamin a dimensão de sua teoria do progresso seja escamoteada, sendo demasiado incômodo o aspecto marxista de suas inquietações. Löwy aponta para dois erros que podem ser feitos em relação ao autor. O primeiro é pensar uma separação entre um Benjamin de uma fase inicial e outro de uma fase tardia. Tal visão faz pouco caso da continuidade de seu pensamento, das questões que atravessaram suas investigações ao decorrer de sua vida. O segundo erro, por outro lado, seria o de desconsiderar a importância que o marxismo passou a ter nas investigações teóricas do autor em meados dos anos 1920. O que lhe interessou e se constitui como uma inquietação recorrente foi procurar traçar uma espécie de genealogia da modernidade capitalista. Bastam algumas considerações sobre a sua obra para se desmontar a sustentação da moda Benjamin. Como argumenta Beatriz Sarlo (2007):

Benjamin não estudou as cidades porque era um tema da moda. Buscou sentidos e, naturalmente, encontrou as cidades como cenário. Não viajou a Moscou para escrever o diário da visita a uma grande capital. Perseguiu em Moscou um amor duplo: foi ali por uma mulher e uma ideia de revolução. E, naturalmente, não encontrou nenhuma das duas (Sarlo, 2007, p. 80; tradução minha).ⁱⁱⁱ

Não devemos ignorar a importância que o marxismo passou a ter nos trabalhos do alemão. Isso, no entanto não deve nos levar a encarar outras dimensões de seu pensamento sejam elas o messianismo e o surrealismo como meras metáforas para sua visão. O forte conservadorismo presente no ambiente acadêmico torna esse elemento da crítica de Walter algo indesejável e o procura a eliminar. É inspiradora aqui a noção de Žižek sobre o café descafeinado^{iv} ao fazer referência a um mecanismo ideológico que esvazia os elementos de sua dimensão subversiva que incomoda. O filósofo esloveno adverte para o fato do esvaziamento político das manifestações, tornando-as inofensivas. A cerveja sem álcool e o café descafeinado seriam exemplos desse tipo de esvaziamento. A proposta recente de se criar um manifestódromo^v para os protestos que vêm ocorrendo no Brasil é mais um exemplo que devemos elencar para a lista.

Inspirados por essa colocação de Zizek, poderíamos dizer que, na Moda Benjamin, haveria um Walter Benjamin sem Walter Benjamin que consistiria no apagamento da dimensão marxista de sua crítica, e por consequência de sua noção do despertar. É esse o mote de um ensaio de Beatriz Sarlo (2007) chamado “Olvidar a Benjamin” que propõe, nesse contexto, o esquecimento de Walter Benjamin. A sua figura encontra-se inflacionada. O Flâneur, por exemplo, é um dentre muitos outros índices presentes no livro das *Passagens*. São relevantes aqui as metáforas encontradas por críticos como Terry Eagleton e Beatriz Sarlo sobre essa dimensão indesejável do pensamento do filósofo. O inglês se utiliza da palavra *Pecadillo* (2009, p.6) para discorrer sobre essa dimensão e a argentina se utiliza da imagem de um modos caipiras na fala de alguém muito refinado. (2007, p. 85).

A noção do despertar é essencial para a teoria crítica do conhecimento proposta por Walter Benjamin. Nela, articulam-se muitas outras noções que devem ser vistas a partir de sua perspectiva crítica de compreender a concretude extrema de uma época. No caso do livro das *Passagens*, essa época é o século XIX. Partindo de um momento chave para o século XX que são os anos 1930 quando o capitalismo passava por uma de suas maiores crises, o autor parte para a pesquisa de formação da metrópole moderna que encontrava na ordem político-econômica da Paris do segundo império o seu melhor exemplo. A noção de sonho e imagem onírica, importantes em suas reflexões, são encontradas nos surrealistas que foram os primeiros a compreender o potencial revolucionário do envelhecido e do que está fora de moda. O sonho para os surrealistas é necessário como método de ressignificação crítica de um mundo que se tornou esvaziado de sentido. Benjamin exige uma reflexão materialista concreta sobre essas imagens de sonho que devem ser interpretadas a partir do despertar. É nesse sentido que ele se diferencia dos surrealistas. O matagal do mito e do sonho deve ser capinado pela razão. (Benjamin, 2006, p.499). Observamos a utilização de categorias advindas da psicanálise de Freud associadas a crítica da economia política. A noção de fantasmagoria utilizada por Marx é importante para Benjamin quando este observa a disseminação de formas fantasmagóricas no espaço público. As passagens são aqui um exemplo desse tipo de ilusão criada no que poderíamos identificar aos shopping centers atuais. O sono aqui se configura como uma ilusão fantástica responsável pela manutenção do eterno novo que dissocia uma época da anterior que a condiciona. Além do sono, há o sonho que é o desejo utópico que permite o despertar. É nesse sentido que o peso de uma frase tão cara ao final dos anos 1960 e ao tropicalismo como “o sonho acabou” deve ser revisto na conformação política e ideológica das últimas décadas.

Através desses questionamentos podemos entender a crítica radical de uma visão historicista que domestica os eventos históricos e os classifica em uma determinada linearidade. É no sentido contrário ao esvaziamento dessa dimensão, característica da moda Benjamin, que as considerações sobre o despertar devem ser levadas em conta aqui. As considerações sobre o tropicalismo,

entendidas em seu contexto atual de consagração e canonização, não se separam das discussões acerca do Brasil recente. Entendida dessa maneira, a tropicália e a sua crítica podem ser lidas como uma interpretação do Brasil. Não há como falar sobre a tropicália sem fazer referência aos famigerados anos 1960. É inegável o caráter de fetiche que essa década possui para os dias atuais. Nessa lógica *1968 – O ano que não terminou* de Zuenir Ventura (1988) caminha junto com *Os Anos Rebeldes* de 1992. O questionamento da ordem representado pelos impulsos da década de 1950 e 1960 são aprisionados em uma espécie de gaiola de um pretérito imperfeito (ah que tempos eram aqueles!) que molda essa passado a partir de uma lógica que lhe retira a sua radicalidade. E isso interfere na forma que pensamos e nos reportamos ao tropicalismo. No caso de 1968, a ênfase no aspecto cultural e comportamental da luta política em detrimento da organização dos camponeses e operários é um exemplo disso. Em 2008, quando se comemorou os 40 anos de 1968 os jornais e revistas em sua maioria comentavam a mobilização dos estudantes no estilo de maio de 1968 sem fazer menção a grandes greves que ocorreram naquele ano em Contagem e Osasco.

E no contexto atual de segunda década do século XXI, a forma como discutimos, pensamos, lembramos e nos apropriamos do tropicalismo é reveladora de embates importantes de serem discutidas. O contexto apresentado após as Jornadas de Junho agudiza algumas contradições e nos ajuda a pensar a consolidação do consenso e estratégias de dissenso.

A discussão do que Zizek (2008, p.4) chama de *Rumspringa* acadêmica deve ser lembrada aqui. Segundo o esloveno, o termo *Rumspringa* vem de um costuma das comunidades Amish que consiste dar uma suposta possibilidade de escolha aos seus membros quando estes completam 18 anos. Após viverem uma vida isolada da maioria da população nas cidades, aos jovens é permitido que vivam intensamente esse mundo de fora para depois de um ano escolherem qual tipo de vida irão optar. A maioria opta por continuar o estilo de vida que sempre teve. Dessa forma, o autor chega a conclusão de que maio de 1968 pode ter funcionado como uma espécie de *rumspringa* coletiva, pois muitas das pessoas que participaram em sua luta assumiram posições conservadoras no futuro. Não há como fazermos referência ao caso brasileiro em que muitas figuras políticas que tivera uma posição combativa nos anos 1960 hoje assumem políticas claramente conservadoras que aprofundam as reformas que mercantilizam diversos aspectos da vida. E nesse quadro como fica a tropicália?

É claro que o que definimos aqui como tropicália é um rótulo construído e demasiado frouxo ao agrupar tantos os tropicalistas canônicos, reconhecidos oficialmente como integrantes do que é considerado por muitos como um movimento à figuras identificadas à tropicália que afirmaram ou rejeitaram mais tarde esse rótulo nas décadas seguintes. Nesse processo os trabalhos críticos ocuparam uma posição muito importante, pois a conformação do tropicalismo como movimento artístico vitorioso encontra nos críticos um amplo espaço de apoio. É preciso ressaltar que esses

críticos não devem ser estudados como alheios ao momento político e as contradições das contemporaneidades vividas.

Partindo das noções benjaminianas do despertar e da imagem dialética devemos fazer um exercício de crítica interessante: ao invés de pensarmos 1968 como o ano que não terminou poderíamos pensar em 1978 como o ano que não terminou. O contexto do período da abertura nos diz hoje muito respeito, pois aqueles anos propuseram a formação de um novo consenso que só tem se fortalecido. A crítica do tropicalismo não ficou isenta dessas questões, pois a consolidação de sua crítica acadêmica se inicia justamente no interessante período entre o final da década de 70 e o início da seguinte. É nessa época que clássicos da crítica do assunto são publicados: o livro *Impressões de Viagem* de Heloísa Buarque de Hollanda defendido como tese de doutorado em 1978 e publicado como livro em 1980. O livro de Celso Favaretto *Tropicália Alegria Alegria* publicado pela primeira vez em 1979 e também o livro de Silviano Santiago *Uma literatura nos trópicos* escrito em 1978 e que tem algumas considerações sobre a tropicália e Caetano Veloso que afinam com as críticas propostas nos outros dois livros. As três obras questionam o ensaio de Roberto Schwarz *Cultura e Política 1964-1968* publicado logo ao findar da década de 1960.

Esse questionamento é feito na tentativa de se legitimar a manifestação tropicalista e seu potencial revolucionário que não fora sido reconhecido pelo crítico dialético, na medida em que este disse que o tropicalismo revelava uma espécie de esnobismo de massas que se satisfazia em simplesmente expor as relíquias e os absurdos do Brasil, de maneira que saída para estes não se apresentariam. A familiaridade com o lugar social do tropicalismo envolveria uma linguagem exclusiva que seria monopólio dos universitários. Schwarz apontaria aqui o que poderíamos chamar de um importante vínculo entre o tropicalismo e a universidade. Segundo a visão de Roberto Schwarz sobre a tropicália neste artigo, o tropicalismo para obter o seu efeito crítico trabalharia com a conjunção entre o arcaico e o moderno cristalizado pelo que 1964 representou. Poderíamos trazer para hoje a noção de esnobismo de massa como aquela que está presente em um tipo de cultura que passeia pelos adjetivos "alternativa", "cult" ou "underground".

Interessante notar que os autores em sua crítica ao artigo de Schwarz partem de tempos de forte mudança da própria noção de política, de falência das grandes ideologias e os grandes relatos. Nesse sentido, o tropicalismo expressaria uma lógica identificada ao que poderíamos chamar de pós-modernidade. Nicholas Brown (2003) crítico estadunidense aproxima a tropicália da pós-modernidade. A identificação com o período de final da década de 1960, a contracultura, os anos rebeldes é evidente.

A imagem^{vi} do cantor Fagner cantando os versos de sua canção "Sentimento Ilhado" em uma manifestação na Cinelândia no - vamos dizer, também, por que não? - emblemático ano 1979 nos interessa aqui. A tensão existente no ressurgimento do movimento estudantil e as passeatas que

retomavam as ruas podem ser vistas nesse vídeo. Precisamos ler os versos dessa canção para pensar o nosso hoje em que esse "sentimentoilhado, morto, amordaçado" torna a incomodar. O que é necessário fazer é perceber como esse "incômodo" é hoje amordaçado, guardado de volta na gaveta - ou nas linhas de uma retrospectiva histórica escrita pelo vencedor. E o sufocamento desse incômodo não se faz hoje somente com gás lacrimogêneo, prisões arbitrárias, ações judiciais, ou perseguições acadêmicas. Ele se faz também pelo silêncio, pela fuga do debate, pelo silêncio eloquente que enterra o dissenso em uma suposta crítica superficial e folheia revistas Avon na sala de professores enquanto a categoria se encontra em greve.

Eis aqui o nosso passado recente, o já ocorrido que não pode ficar guardado da gaveta e tem que ser inundado pelo presente. O pensamento da canonização da tropicália a partir da categoria do despertar implica em tornar política a tropicália e seu debate. Pois, trazer o "ocorrido" até o "agora" é uma atividade crítica que nos mostra o primado do político sobre a história. A bomba que explodiu na OAB no início desse ano^{vii} nos revela o *jetztzeit*, o tempo-de-agora. Dessa forma, a estratégia hegemônica consiste justamente em nos afastar desse passado recente que nos condiciona. E o que podemos observar que uma de suas estratégias é nos remeter a um passado mitificado como o de 1968, esvaziado de sua realidade política, enquanto os tempos como os da abertura e os da década de 1990 passam a ser de certa maneira esquecidos.

Como exercício de provocação, poderíamos visualizar duas imagens: a de um período que os debates culturais e artísticos se encontravam presentes nos jornais, revistas acadêmicas e festivais de música - no sentido de *Aufklärung* popular que Roberto Schwarz (1978) dá ao período compreendido entre 1964 e 1968 - ao período atual caracterizado pelas notícias de celebridades que vão à praia, de uma crítica "como papel de bala" como define Flora Sussekind (2010). O tropicalismo está entre esses dois momentos e aqui a idéia de legado nos interessa, a idéia do que "fizemos de nós" - outro sugestivo título de Zuenir Ventura *O que fizemos de nós* (2008) - na medida em que a distância entre o ocorrido e o agora não deve ser pensada exclusivamente em rupturas e fatos. Em "tempos interessantes" como os vividos atualmente a importância que se dá a esfera cultural em um determinado momento influencia fortemente a forma como lidamos com as épocas passadas. A relação com o passado não pode ser vista de maneira estática. Através dos escritos de Benjamin percebemos o quanto essa relação é pendente, o passado não está seguro. E é nesse sentido que devemos entender a convicção descrita na tese VI nas teses sobre o conceito de história de que "também os mortos não estarão seguros diante do inimigo, se ele for vitorioso". Seguindo essa dinâmica, momentos de forte dissenso como os anos de surgimento da tropicália tornam-se eles mesmos mercadorias, fantasmagorias, bens culturais cuja oferta na prateleira é o questionamento da ordem oferecido em doses homeopáticas em épocas em que o consenso impera. É a partir dessa noção básica para os tempos atuais que devemos iluminar o tropicalismo hoje.

Um segundo exercício que devemos realizar trata-se de forçarmos nosso olhar não para as rupturas e sim para as continuidades. Os anos da ditadura e os anos do chamado período democrático como pertencentes a uma mesma unidade. O questionamento da democracia burguesa proposto pelo marxismo retira o exotismo que esse exercício poderia ter em um ambiente impregnado pela moda Benjamin. As considerações de Karl Polanyi de que "a total frustração de liberdade no fascismo é, com efeito, o resultado inevitável da filosofia liberal". (Polanyi, 2002). É dessa forma que podemos ver o cinismo da consolidação da história com H maiúsculo como se fosse um campo, um espaço neutro e isolado coberto pela neutralidade. Dentre as palavras de ordem cantadas na manifestação popular há uma que exemplificaria esse exercício de provocação: trata-se do "E ainda apoia" que é cantado logo depois de "A verdade é dura, a Rede Globo apoiou a ditadura". O texto publicado pelo jornal O Globo com o título "Apoio editorial ao golpe de 64 foi um erro"^{viii} é um flagrante exemplo desse conservadorismo que supostamente muda para se manter. É o afastamento do passado que nos condiciona que percorre a sua retórica de pedido de desculpas por um erro cometido. Interessante notar que este texto silencia sobre o apoio do jornal que percorreu o regime militar de seu início, passando pelos demorados anos da abertura até o seu fim. Inspirados pelas discussões sobre o conceito de história de Benjamin percebemos a presença nesse editorial do sono da História caracterizada como H maiúsculo. E o que alguns poderiam interpretar como o despertar nada mais é do que um aprofundamento do sonho. Os dois últimos parágrafos do texto afirmam que:

Os homens e as instituições que viveram 1964 são, há muito, História, e devem ser entendidos nessa perspectiva. O GLOBO não tem dúvidas de que o apoio a 1964 pareceu aos que dirigiam o jornal e viveram aquele momento a atitude certa, visando ao bem do país.

À luz da História, contudo, não há por que não reconhecer, hoje, explicitamente, que o apoio foi um erro, assim como equivocadas foram outras decisões editoriais do período que decorreram desse desacerto original. A democracia é um valor absoluto. E, quando em risco, ela só pode ser salva por si mesma. (O Globo, 31/08/2013)

A prática do despertar está inserida na ideia de escovar a história a contrapelo. E esse tipo de procedimento metodológico está relacionado a ter uma concepção da história que desmonte qualquer possibilidade de uma institucionalidade em organização de uma História com o h maiúsculo. É nesse sentido que a noção de citar a história a história é a que deve substituir a sua escrita. Essa provocação deve ser entendida para nós críticos, historiadores ou não como um imperativo estratégico. O outdoor disponível no Canecão que compara 2013 com 1968 é aqui um procedimento de citação de história. Assim como a disposição das mais de 300 assinaturas que preenchem o manifesto^{ix} pela reeleição de Paes devem ser interpretadas como citações que nos

revelam a feição do consenso em nossa realidade. E no contexto de citação da história do tropicalismo o que equivaleria discordar de uma história oficial do tropicalismo e de sua canonização? Ou, de que forma poderíamos citar eventos como a passeata das guitarras elétrica de forma a não concordar com a vitória da lógica tropicalista?

A história oficial que vai ser escrita está inserida na concepção do sono profundo do progresso e linear. Assim a proposta do despertar implica no repensar de como escrevemos essa história. Sendo assim, não devemos interpretar os trabalhos críticos sobre a tropicália como se fossem obras neutras. O desafio é grande e a observação de Marcos Napolitano, comentando sobre o livro de Augusto de Campos, *O Balanço da Bossa* deve ser estendida às demais obras críticas sobre o assunto;

Enfim, o livro organizado por Augusto de Campos, através dos seus vários textos e entrevistas, é um exemplo de documento de época que se transformou na base ensaística a partir da qual uma boa parte da crítica e da historiografia passou a vislumbrar a vida musical dos anos 1960. Entretanto, deveria ser vista mais como uma fonte histórica, sujeita a perspectivas e interesses dos protagonistas de uma dada historicidade (Napolitano, 2006, p. 140).

Hermano Vianna, em um catálogo organizado por Carlos Basualdo de uma exposição da tropicália em 2007, insiste no lugar comum de que a complexidade ambígua e confusa da tropicália é o que faz com que ela “continue a ocupar um lugar central e fascinante no discurso sobre a – e na prática da – cultura brasileira.”. O sociólogo comenta uma frase dita por Gilberto Gil antes de se tornar ministro da cultura:

É melhor ouvir bem o que Gil disse nos jornais: o povo sabe que está indo para o governo um tropicalista - em outras palavras (entre muitos outros significados): nunca vou ser um militante de esquerda bem comportado; nunca vou ser um nativo facilmente manipulável por tendências estético-políticas da moda; nunca vou me adequar a uma cartilha (Vianna In: Basualdo, 2007, p. 134).

O mesmo Gilberto Gil em um documentário da BBC da cultura musical brasileira intitulado *Brasil Brasil* em 2007 afirma sobre o carnaval da Bahia o que poderia ser definido como a lógica hegemônica vitoriosa conhecida de nosso presente de ataque ao bem público e que se transpõe na conhecida crença de uma sociedade sem classes e harmônica:

A totalidade da população, as diferentes camadas sociais, todas elas contribuem e participam, sabe, e o governo também está envolvido, os setores privados através das empresas todos envolvidos, é muito pop e contemporâneo, né? (Gilberto Gil; tradução minha).^x

O alargar-se desse ethos tropicalista ou dessas figuras identificadas ao tropicalismo chega até a segunda década do século XXI. Assistir à defesa de Belo Monte por Jorge Mautner^{xi} a partir de argumentos que cambaleiam pelo nacionalismo ou uma suposta vocação nacional mística de um povo brasileiro é visualizar um discurso que não reconhece o genocídio silencioso dos povos originários do Brasil. E, a razão desse discurso se fazer vitorioso é que ele para ser legitimado deva ser pautado por um intelectual identificado a um momento tão especial como o tropicalismo.

Um passado como 1968 é mais atraente que anos de derrota ou anos não dignos de serem lembradas. É nesse sentido que a comemoração dos 20 anos do tropicalismo são interessantes na medida em que ainda não têm a legitimidade e o reconhecimento que as de 1997 e 2007 tiveram. Os dez anos compreendidos entre 1977 e 1987 tornam-se importante para o nosso momento político atual. A formação de um novo consenso em uma década com considerável mobilização popular e reestruturação das lutas dos trabalhadores. A derrota da classe trabalhadora em suas propostas e aspectos de mudanças não podem ser redimidos pelo coro dos contentes do progresso que equilibram seus argumentos de defesa de uma lógica governista.

Essa, devemos ressaltar, é uma proposta de interpretação do Brasil e no contexto conservador a mera tarefa de interpretar questões do país assume uma dimensão incômoda. Pontos como a crítica do progresso que representa o sono contra o qual o despertar deve lutar tornam-se aqui estratégicos no sentido de nos permitir ver o consenso vitorioso a contrapelo.

É nesse sentido que podemos fazer referência aos críticos que dizem que a tropicália é o aplauso do rico (Vasconcellos, 2012) ou que ela, com sua lógica vitoriosa se "afirma como uma espécie eficiente e reiterada de 'razão' dualista para se definir a cultura brasileira e orientar a sua produção". (Alambert, 2012). E como o sentido do despertar implica em direcionar o nosso olhar para aquilo que não foi vitorioso, que não teve o privilégio de ser inserido no hall dos dignos de serem lembrados devemos engrossar a desafinação do coro dos contentes da manifestação tropicalista.

Sendo esta uma tarefa de interpretação relacionada ao despertar em Benjamin, o estudo da crítica do tropicalismo que não se dissocia do pensamento de nossa contemporaneidade deve passar pelas palavras do presidente do SESC escritas no passado já nem tão recente de 1987 quando um consenso se formava. E o pequeno e involuntário sabor nostálgico presente na coleção *Tropicália - 20 anos* é a face da continuidade da retórica do ousadia de mudar, de modernizar que assume em nosso contexto uma importância ímpar quando Transamazônica e Belo Monte passam a fazer parte da mesma constelação. Deixar o passado nos interpelar envolve na reatualização do que alguns podem chamar ingenuamente de "polêmicas." E esse debate, apesar do forte consenso não deve ser um ponto pacífico. É nesse sentido que devemos avançar sobre categorias como Patrulha Ideológica. Foi exatamente esse o termo usado contra aqueles que se manifestaram nas redes sociais

contra as assinaturas de nomes como Francisco Chacal e Amir Haddad no manifesto de apoio à reeleição de Eduardo Paes.

A proposta de criticarmos a crítica da tropicália e sua conformação em constelação nos deve proporcionar instrumentos para analisarmos as próximas efemérides como a de 2017. E, por ser impossível fugir do contemporâneo, daquilo que nos condiciona, não podemos fazer menção aqui ao mote "o gigante acordou" - tão falado aos quatro ventos nas jornadas de junho - em um ensaio cujo tema é a questão da despertar. E sendo o despertar uma tarefa coletiva, devemos pensar na colocação de que o que precede o despertar é um aprofundamento do sono. Duas imagens nos provocam o pensamento. A primeira é de um cartaz assinado pelo #fusocoletivo e colado na Lapa com a imagem do Anão Soneca bocejando e a segunda imagem pode ser encontrada no título de um texto^{xiii} de Guilherme de Carvalho publicado em seu blog: "O Gigante acordou ou levantou pra fazer xixi?".

Notas

ⁱ O texto na íntegra da palestra pode ser acessado neste seguinte endereço: http://www.osurbanitas.org/osurbanitas9/Chimamanda_Adichie.pdf

ⁱⁱ O *jetztzeit*, tempo-de-agora em português, é para Benjamin a prefiguração do tempo messiânico. O tempo de agora é o ocorrido desde sempre, quando o agora encontra o ocorrido e os dois conformam uma imagem dialética. Ela se opõe a uma visão linear e progressista da história que está por trás de uma visão historicista. Para o autor, na tese XIV, a história seria objeto de uma construção cujo lugar não é formado pelo tempo homogêneo e vazio, mas por aquele saturado pelo tempo-de-agora. Nesse tempo estariam resumidos todos os momentos messiânicos do passado, a tradição dos oprimidos seria reunida no momento presente do crítico ou do historiador.

ⁱⁱⁱ No original em espanhol: "Benjamin no estudió ciudades porque fuera un tema a la moda. Buscó sentidos y, naturalmente, encontró a las ciudades como escenario. No viajó a Moscú para escribir el diario de la visita a una gran capital. Persiguió hasta Moscú a un amor doble: fue allí por una mujer y una idea de revolución. Y, naturalmente, no encontró del todo a ninguna de las dos".

^{iv} Essa metáfora é utilizada por Zizek em muitos de seus textos. Ela pode ser encontrada, por exemplo, em seu conhecido discurso "Tinta vermelha" proferido aos manifestantes do movimento *Occupy Wall Street*, em outubro de 2011. O texto do discurso está disponível em http://operamundi.uol.com.br/conteudo/opiniao/esp_1659/a+tinta+vermelha+o+discurso+de+slavoj+zizek+no+occupy+wall+street.shtml – acesso em 10/09/2013.

^v "Manifestódromo liberaria vias vitais e evitaria caos no trânsito" é o título da matéria publicada no jornal O Globo em 17/08/2013. Pode ser encontrada no seguinte endereço: <http://oglobo.globo.com/rio/manifestodromo-liberaria-vias-vitais-evitaria-caos-no-transito-9593073> - Acesso em 12/09/2013.

^{vi} Essa imagem pode ser acessada na retrospectiva veiculada pela TV Globo intitulada “A aventura do homem na década de 70”, a reportagem tornou-se um marco divisor na história das retrospectivas. O programa de duração de 195 min. foi exibido em 1º de janeiro de 1980. Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYN0-5273-249745,00.html> – acesso em 29/03/2013. O vídeo está também disponível no Youtube, dividido em 13 partes. O link para a primeira parte é: <http://www.youtube.com/watch?v=LKvZkdfp3A> – acesso em 28/03/2013.

^{vii} A bomba explodiu na sede estadual da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), no Rio de Janeiro, para matar seu ex-presidente, que assumiu três dias após o atentado a presidência da seção carioca da Comissão da Verdade é outro eco de um passado que muitos querem enterrado. A notícia pode ser vista em: <http://odia.ig.com.br/portal/rio/bomba-explode-no-pr%C3%A9dio-da-oab-1.558004> - Acesso em 08/09/2013

^{viii} O editorial pode ser lido no seguinte endereço: <http://oglobo.globo.com/pais/apoio-editorial-ao-golpe-de-64-foi-um-erro-9771604> - Acesso em 12/09/2013

^{ix} Esse manifesto foi tirado do ar logo após a vitória de Eduardo Paes nas eleições municipais de 2012. Os nomes foram salvos nos Google docs e podem ser acessados em: <https://groups.google.com/forum/?hl=pt&fromgroups#!topic/clipping-de-esquerda/vbUUZSvHs6M> - Acesso em 13/09/2013.

^x A frase é dita originalmente em inglês: “The whole of the population, the different social layers, they all contribute and participate, you know, and the government is also involved, the private sectors through the enterprises all involved, it is very pop and contemporary, you know“.

^{xi} O vídeo com o depoimento de Jorge Mautner pode ser visto no youtube em <http://www.youtube.com/watch?v=veYjzkeO1qI> - Visitado em 10/09/2013

^{xii} Esse texto pode ser encontrado no seguinte endereço: <http://blogdoguilhermedecarvalho.wordpress.com/2013/06/19/o-gigante-acordou-ou-levantou-para-fazer-xixi/> - Visto em 12/09/2013

Referências Bibliográficas

- ALAMBERT, Francisco. “A realidade Tropical”, Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, mar/set, p.142x2012
- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- _____. *Passagens*. Trad. de Irene Aron. Belo Horizonte,
- BLOCH, Marc. *Apologia da História, ou o Ofício do Historiador*; tradução: André Telles, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2002.
- CAMPOS, Augusto de. *Balanço da bossa e outras bossas*. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- COELHO, Frederico. “A formação de um tropicalista: um breve estudo da coluna ‘Música Popular’, de Torquato Neto”. Revista Estudos Históricos – Arte e História. Rio de Janeiro- RJ: Fundação Getúlio Vargas. N.30, p.129-146, 2002.
- LÖWY, Michael; *Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses “sobre o conceito de história”*; São Paulo: Boitempo, 2005.
- NEVES, Lúcia Maria Wanderley (org.). *A direita para o social e a esquerda para o capital: intelectuais da nova pedagogia da hegemonia no Brasil*. São Paulo: Xamã, 2010.
- PEREIRA, Jesus Vasquez (org.). *Tropicália 20 anos*. São Paulo: SESC, 1987
- SARLO, Beatriz. *Siete ensayos sobre Walter Benjamin*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2007.
- _____, *Walter Benjamin, or Towards a Revolutionary Criticism*. London: Verso Editions and New Left Books, 1981.
- SCHWARZ, Roberto. *Pai de Família e outros ensaios*. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1978.
- _____. *Martinha versus Lucrecia - Ensaios e entrevistas*. São Paulo: Companhia das letras, 2012.

-
- SÜSSEKIND, Flora. "A crítica como papel de bala". 24/04/2010. **Prosa e Verso**. O Globo.
- VASCONCELLOS, Gilberto. *Música Popular: de olho na fresta*. Rio de Janeiro: Edições do Graal, 1977
- _____. "Tropicália, triunfo do rico e aplauso do genocídio": entrevista [10 de dezembro de 2012]. São Leopoldo: *Revista do Instituto Humanitas Unisino*. Ano XII, nº411 Entrevista concedida a Thamis Magalhães, Leandro de Souza Domith e Pedro Bustamante Teixeira.
- VELOSO, Caetano. *Verdade tropical*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- VENTURA, Zuenir. *1968: o ano que não terminou*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.
- _____. *1968 - O que fizemos de nós*. São Paulo, Editora Planeta do Brasil, 2008.
- VIANNA, Hermano. "Políticas da tropicália". In: BASUALDO, Carlos (org). *Tropicália : uma revolução na cultura brasileira*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- ŽIŽEK, Slavoj. *A visão em paralaxe*. Tradução Maria Beatriz de Medina. São Paulo: Boitempo, 2008.